

RESILIÊNCIA NA PRÁTICA DE PROFESSORAS: IMPRESSÕES SOBRE SEU GRUPO DE CONVIVÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA**RESILIENCE IN THE PRACTICE OF TEACHERS: IMPRESSIONS ABOUT THEIR GROUP OF COEXISTENCE IN THE PUBLIC SCHOOL**Enivalda Vieira dos Santos Rezende¹, Laeda Bezerra Machado²

Submetido em: 05/12/2020

Aprovado em: 09/05/2022

RESUMO

Este artigo tem como objetivo indicar características resilientes de professoras, a partir da visão do seu grupo de convivência em escolas públicas. Conceituamos resiliência como a capacidade que o indivíduo tem de resistir aos obstáculos e de reagir frente a uma situação de risco. Trata-se de um estudo qualitativo, delineado como estudo de campo do qual participaram 48 pessoas do convívio profissional de quatro docentes. Utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Os resultados validam as manifestações de resiliência identificadas na prática pedagógica dessas docentes. Conforme a comunidade escolar, elas são profissionais comprometidas e satisfeitas com a profissão; possuem uma imagem positiva de si; são alegres, bem humoradas e estabelecem relações amistosas e construtivas com os demais atores do espaço escolar. Constatamos, por parte dessas professoras, uma prática de humanização nas escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Resiliência. Professoras. Prática pedagógica.**ABSTRACT**

This article aims to indicate resilient characteristics of teachers, from the perspective of their group of coexistence in public schools. We conceptualize resilience as the individual's ability to resist obstacles and to react to a risky situation. This is a qualitative study, designed as a field study in which 48 people from the professional life of four teachers participated. We used the semi-structured interview as a data collection instrument. The results validate the manifestations of resilience identified in the pedagogical practice of these teachers. According to the school community, they are professionals committed and satisfied with the profession; they have a positive image of themselves; they are cheerful, good-humored and establish friendly and constructive relationships with other actors in the school space. We found, on the part of these teachers, a practice of humanization in schools.

KEYWORDS: Resilience. Teachers. Pedagogical practice.**INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como foco o fenômeno da resiliência na prática pedagógica. Resiliência é um conceito emergente nos debates acerca das ações humanas, pois está presente em variados campos de conhecimento, mesmo tendo sua origem na área da Física, conforme afirma Melilo (2007). Trata-se de um conceito novo, quando aplicado às ciências sociais e humanas, em particular, ao campo da Educação. Nas Ciências Humanas, resiliência passou a designar a capacidade de resistir à adversidade, utilizando-a para o desenvolvimento pessoal, profissional e social.

Nos últimos anos, vêm surgindo pesquisas e estudos sobre resiliência do professor. Segundo Farjado, Minayo e Moreira (2010), os estudos desenvolvidos sobre o tema mostram que resiliência não é

¹ Doutora em educação pela UFPE, professora de educação superior e técnica em educação.

² Doutora em Educação, Professora Associado 4 - do Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional. Docente do Programa de Pós-graduação em Educação - Centro de Educação Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Linha de pesquisa: Formação de professores e prática pedagógica. Bolsista de produtividade em Pesquisa pelo CNPq.

um atributo da pessoa, mas poderá ser consolidada na ação docente. Além disso, indicam que o ambiente resiliente da ação pedagógica cresce, quando existe um suporte afetivo e emocional necessário para que as pessoas trabalhem em constante clima de aprendizagem.

Na sociedade contemporânea, existem inúmeros problemas, que afetam os processos educativos e, em especial, a escola, portanto, precisam ser investigados de modo mais aprofundado. Nesse amplo espectro, se insere este artigo que é decorrente de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida em curso de doutorado em educação.

Nossa trajetória profissional no campo da educação acumula mais de quarenta anos. Durante esse tempo, temos atuado na docência do ensino fundamental, técnico, superior e no exercício de funções técnico-administrativas, de gestão escolar e coordenação pedagógica de escolas públicas, particulares ou em secretarias de educação nos Estados de Pernambuco e da Bahia. Dos nossos mais de 20 anos de atuação na Rede Municipal do Recife, uma década de trabalho foi desenvolvida em escolas situadas em áreas consideradas de risco, ou seja, em áreas atingidas pelos habituais conflitos entre grupos adversos, que disputam o domínio do tráfico de drogas, nas comunidades carentes, nas quais as pessoas vivem em situação de pobreza e vulnerabilidade.

Nesse contexto, outros fatores relacionados ao trabalho docente chamaram nossa atenção, a saber: falta de motivação da expressiva maioria dos professores para participar de seções de formação; aparência descuidada com que se apresentam nos encontros de formação e no interior da escola; revolta e irritabilidade expressa em situações, aparentemente, simples e contornáveis do dia a dia; crescente índice de professores, que se mostra adoecido e desmotivado. Além disso, um elevado quantitativo de docentes se afasta do trabalho por problemas de saúde e/ou desencantamento com a profissão docente, em decorrência das situações difíceis e dos fatores de risco presentes da escola.

Os fatores acima mencionados não constituem exceção e, sobretudo, não é uma situação específica da Rede Municipal do Recife. Fante (2007), por exemplo, afirma que, atualmente, são crescentes as manifestações de insatisfação, insegurança, ansiedade e raiva dos profissionais da educação. Tais elementos aumentam e/ou agravam as situações de estresse¹. Codo (2006), em estudo encomendado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), que teve a participação de mais de 50 mil professores do país, revelou o estado de desânimo e adoecimento do professorado brasileiro. O referido estudo mostrou que, aumentam, anualmente, os índices de docentes desestimulados, adoecidos, insatisfeitos, atingidos por algum dos fatores de *burnout*,² desencantados com a profissão.

Os estudos de Codo (2006); Maciel (2007) e Fante (2007) mostram que o frenético ritmo de vida, que o docente precisa enfrentar para sobreviver, desdobrando-se para dar aulas em mais de uma escola e as condições precárias de trabalho tornam desafiante a função docente. A sobrecarga de trabalho aumenta o desgaste físico e emocional, minando sua força para lutar pela construção de uma nova

¹ Muito embora estejam intimamente ligados, estresse, ansiedade e transtornos de ansiedade são conceitos diferentes. A ansiedade é um estado de alerta especial que desenvolvemos quando estamos em situação de estresse, com o objetivo de aumentar a nossa capacidade de adaptação a situações novas e potencialmente perigosas. (BITTENCOURT, 2011)

² Segundo Bittencourt (2011) a síndrome *Burnout* é diagnosticada como esgotamento mental e físico intenso de uma pessoa em decorrência das pressões vividas no ambiente de trabalho.

cultura educacional. Como afirmam os autores, nessa condição de oprimidos e sem muitas perspectivas de dias melhores, os professores estão adoecendo e, desestimulados, fogem do magistério para outras profissões menos estressantes.

Acrescentamos outros fatores que afetam, negativamente, o trabalho docente e retiram o prazer de ser professor, tais como: falta de reconhecimento do trabalho docente e desprestígio social da profissão e baixos salários. Esses fatores vão destruindo a energia e o ânimo do professor, o que contribui para o adoecimento e seu afastamento do exercício do magistério.

No atual contexto das escolas, constatamos, junto a uma significativa quantidade de educadores, com os quais convivemos, sentimentos de tristeza e revolta para com a docência. São recorrentes reclamações a respeito da falta de valorização do magistério pelo poder público e desesperança com a educação. Queixam-se dos fatores de risco, dos baixos salários, do descaso das famílias para com a aprendizagem dos filhos, da violência no interior e entorno das escolas, do desrespeito dos alunos e das péssimas condições de trabalho, face à infraestrutura das escolas. Diante de tais circunstâncias, chegamos a pensar que permanecer na sala de aula constitui um sacrifício, que, aos poucos, vem destruindo o professor.

No acompanhamento da rotina do trabalho docente, ao longo desses anos, tivemos a possibilidade de compreender melhor esse universo e constatar o mal-estar docente, fenômeno, que, há algum tempo, vem acometendo o professorado. Tal fenômeno tem se manifestado em momentos/eventos/encontros de formação continuada do professorado da rede municipal. Nessas ocasiões, são comuns os desabafos e muitos professores demonstram desinteresse pelas temáticas discutidas. A maioria dos docentes se mostra indiferente, revela não acreditar na possibilidade de mudança na educação. Muitos deixam o local dos encontros de formação, outros permanecem, mas ficam conversando, ou ouvindo música através de aparelhos de multimídia e outros perambulam, no recinto, durante as exposições.

Reconhecemos que são muitos os fatores de risco que têm contribuído para que os professores se afastem da profissão docente: responsabilização dos professores pelo fracasso da educação, frequentes casos de *bullying* na sala de aula; local de trabalho desconfortável e violento. Tais problemas afetam diretamente o bem-estar físico e emocional dos docentes.

Na sociedade atual, segundo Barreto (2004), a crise de autoridade e falta de reconhecimento social da profissão docente são evidentes. Outrora, ser professor conferia *status* e honra. Hoje, ser professor é sinônimo de incapacidade, sofrimento e desprestígio para muitos profissionais da educação.

A despeito desses fatores de risco causadores de desgaste e desapontamento em muitos professores, percebemos que alguns não se abatem, nem se desestruturam em decorrência das adversidades, que envolvem a profissão docente. Existem aqueles, que enfrentam as situações adversas, resistem às imagens negativas *do ser professor*.

Nos encontros de formação continuada, um grupo professores mostra-se interessado, participa dos debates, sugere nomes de formadores e de temáticas para os encontros de formação, demonstra estímulo para com o estudo, solicita livros e material de apoio à sua prática. Além disso, procura buscar alternativas e solucionar problemas ocorridos no interior das escolas. Tais ações são demonstrações de resistência à precarização imposta, portanto, nos estimulam a desenvolver esta pesquisa.

Esses profissionais demonstram assimilar as mudanças, buscam alternativas para lidar com os alunos e, assim, resistem aos infortúnios da profissão. Tais atitudes reveladas por esses professores sinalizam processos de resiliência.

Em decorrência das adversidades e das injunções sociais, que afetam o magistério, consideramos ser relevante estudar a prática pedagógica a partir do conceito de resiliência. A abordagem desse construto teórico é desafiadora, em virtude da complexidade, que o envolve, especialmente, no que se refere às relações humanas estabelecidas no interior da escola pública e na sala de aula.

O diálogo entre a nossa prática profissional e conceitos teóricos adquiriu, gradativamente, contornos mais nítidos, o que contribuiu para definir com mais clareza o nosso objeto de estudo: problematizar a prática pedagógica a partir do fenômeno da resiliência.

O confronto da realidade vivida com a realidade idealizada não condiz com as expectativas do professor, o que provoca frustrações e leva à rejeição da profissão. Nessa linha de argumentação, Tavares (2001) tomando por base o conceito de resiliência, afirma que, através da educação e da formação, é possível tornar as pessoas mais resilientes e prepará-las enfrentar situações adversas.

A esse respeito, Melillo (2007) e Codo (2006) afirmam que a profissão docente, na atualidade, é vista como uma das profissões que mais promove o estresse. A falta de habilidade para lidar com as variáveis ligadas às demandas da profissão acarreta desgaste emocional e sintomatologia psicossomática diversificada, favorecendo o surgimento de doenças, que, muitas vezes, impossibilitam o professor de exercer a profissão.

Assim, admitindo que a condição de resiliente permite ao professor enfrentar, de modo mais tranquilo, condições adversas e criar mecanismos de proteção, neste artigo indicamos características resilientes de professoras a partir da visão do seu grupo de convivência nas escolas.

Resiliência e educação

Superar adversidades, romper preconceitos, transportar barreiras, vencer limites, enfrentar desafios e desenvolver potencialidades são expressões relativas à noção de resiliência. Esse termo é polissêmico, pois comporta inúmeras interpretações, tais como: fenômeno, capacidade, processo ou condição do indivíduo, que supera adversidades.

De acordo com literatura referente ao assunto, o conceito de resiliência tem sua origem no campo de estudo da Física.

Resiliência é uma abordagem teórica de um conceito extraído da física e muito usado pela engenharia e que representa a capacidade de um sistema em superar o distúrbio imposto por um fenômeno externo e inalterado. É a propriedade de retornar à forma original após ter sido submetido a uma deformação (ANTUNES, 2007, p. 13).

No âmbito da Física, segundo Carmello (2008, p. 48), resiliência é: “[...] a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida, quando cessa a tensão causadora da

deformação elástica.” Na mesma ótica, Silva Jr. (1982) denomina, como resiliência de um material, a energia de deformação máxima que ele é capaz de armazenar, sem sofrer deformações permanentes.

No campo das ciências exatas, de acordo com Brandão (2011), o termo integra estudos sobre resistência dos materiais, usado desde 1807, pelo inglês Thomas Young (1773-1829), um dos precursores da noção de resiliência, que publicou uma obra, na qual a noção de módulo de elasticidade foi introduzida pela primeira vez. Segundo Timoshebo (1983), nessa obra, Young fala de resiliência ao apresentar uma discussão sobre fraturas de corpos elásticos, que são produzidas por impacto.

De acordo com Ruegg (1997), tal como em outras noções, a de resiliência evolui do concreto para o abstrato, das realidades materiais físicas e biológicas para as realidades imateriais ou espirituais. O autor acrescenta que, em termos comparativos, podemos dizer que, nas ciências dos materiais, resiliência é a qualidade de resistência de um material ao choque com o objetivo de produzir ligas mais flexíveis, leves e consistentes.

Ojeda (2004) afirma que, no campo das ciências humanas, o conceito de resiliência teve o seu desenvolvimento inicial no hemisfério norte, a partir de 1980, com os pesquisadores Michael Rutter, na Inglaterra, e Emmy Werner, nos Estados Unidos. Em 1982, esse conceito se expandiu no continente europeu, tendo recebido maior destaque, na França, Holanda, Alemanha e Espanha. Em 1997, surgiu na América Latina e, no Brasil, no final dos anos de 1990.

Na atualidade, esse conceito já está inserido em variados campos do conhecimento com maior relevância na área da Psicologia, na qual se destacam os estudos de Rutter, (1985, 1987, 2001); Yunes, Miranda e Cuello (2004) e Barlach (2005). Encontramos, também, inúmeros teóricos, em outras áreas, tais como: na Administração, Job (2003); na Antropologia, Niemeyer (2011) e Costa (2011); na Saúde, Rodrigues(2012); na Teologia, Larrosa, (2011) e Hoch (2011) e, na Educação, Tavares (2001); Gomes (2004); Bezerra (2005); Timm (2006) e Machado (2010).

Conforme já citamos, esse conceito tem sido utilizado pelas diferentes áreas do conhecimento, com enfoques diversificados, como exemplifica Ojeda (2004). Na Psicologia, os estudos estão voltados para o desenvolvimento psicossocial; na Antropologia, abordam as tradições ancestrais das comunidades; na Sociologia, enfocam as funções sociais; na Saúde, detêm-se na gênese da promoção da saúde; na Economia, examinam as estratégias contra a pobreza; no Serviço Social, procuram identificar os fatores, que podem fortalecer as populações mais carentes; e, na área de Direito, têm como base a legislação, que vela pelos direitos humanos.

De acordo com Melillo (2005), o termo resiliência refere-se, frequentemente, aos processos que explicam superação de crises e adversidades, vivenciadas por indivíduos, grupos e organizações. Grotberg (2005, p. 16) conceitua resiliência como:

[...] a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiência de adversidade. As condutas resilientes supõem a presença e a interação dinâmica de fatores [...] que vão mudando, nas diferentes etapas do desenvolvimento. As situações de adversidades não são estáticas, mudam e requerem mudanças na conduta.

Para a autora, as demais definições, em geral, apresentam, apenas, algumas variações. Na área das ciências humanas, o conceito de resiliência tem sido utilizado, conforme Barlach (2005, p. 28), para:

[...] representar a capacidade de um indivíduo ou grupo de indivíduos, mesmo num ambiente desfavorável, construir-se ou reconstruir-se positivamente frente às adversidades. As pesquisas, nesta área, partiram da observação de formas positivas de conduta de crianças e/ ou grupos de indivíduos que vivem ou viveram em condições adversas e estenderam-se para o estudo das reações psicológicas diante de diversos tipos de situações traumáticas individuais - tais como estupro e abuso sexual - bem como traumas coletivos - tais como catástrofes ambientais, ataques terroristas, discriminação racial e outros.

A respeito do termo resiliência, Tavares (2001) destaca sua flexibilidade e plasticidade que, em um nível mais abstrato, se relaciona à ideia de reflexibilidade, ou seja, a capacidade, que um indivíduo tem de tomar conhecimento de si mesmo, o que lhe possibilitará se afirmar como um ser inteligente, responsável e livre. Esse autor (2001, p. 43) afirma que se trata de “[...] um conceito novo de uma realidade antiga que, hoje, assume um significado especial na formação das camadas mais jovens e nos grupos de alto risco ou sujeitas a elevados níveis de desestruturação e de estresse”.

Ressaltamos que, no ser humano, a resiliência não significa um retorno a um estado anterior, como acontece com os materiais, pois as pessoas não têm a propriedade de elasticidade, que existe nos materiais; portanto, se refere à possibilidade de superação e/ou à capacidade de adaptação. Não obstante, Job (2003) considera que a rapidez e a coragem de uma pessoa resiliente, em face às adversidades, advêm de uma elasticidade emocional ou psicológica, que lhe permite permanecer, relativamente, firme. Tal pessoa consegue retornar ao seu estado original, após ser submetida ao estresse causado pelas adversidades.

A noção de resiliência consiste na capacidade de resistir aos obstáculos e reagir diante de uma situação de risco. No âmbito da docência, pode ser compreendida como a possibilidade de encarar com mais serenidade e leveza a precarização, que afeta o trabalho do professor, no contexto da escola.

Como uma atividade humana, a prática pedagógica integra o conjunto da organização social e não pode ser compreendida de forma desarticulada do contexto em que se insere, ela se faz e refaz no interior das relações sociais.

De modo geral, as pesquisas sobre resiliência vêm se intensificando e indicam resultados que possibilitam melhor conhecer e entender o conceito. Nos estudos o conceito de resiliência está ligado ao desenvolvimento e ao crescimento humanos e inclui diferenças etárias e de gênero. Grotberg (2001) comenta que apresentar condutas resilientes exige diferentes estratégias e mobilizações por parte do sujeito; não se identifica relação entre nível socioeconômico e resiliência; em resiliência estabelece-se diferenças entre fatores de risco e proteção; a resiliência pode ser medida e está relacionada à saúde mental e a qualidade de vida do sujeito; prevenção e promoção são alguns conceitos relacionados à resiliência e, por fim, que a resiliência é um processo que envolve comportamentos, atitudes e práticas.

Para investigar a prática pedagógica partir do conceito de resiliência, primeiramente fomos em busca da literatura produzida sobre o tema em diversas áreas do conhecimento. Fizemos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema privilegiando como fonte o banco de teses e dissertações da CAPES. Para a

busca utilizamos as palavras-chave "resiliência" e "educação" de modo simultâneo a fim de identificar melhor nessa literatura estudos, decorrentes de pesquisas e que articulassem os dois conceitos.

Localizamos 14 trabalhos sendo três em nível de doutorado e 11 em nível de mestrado na área educacional que abordaram, em diferentes instituições do país, a educação a partir do conceito de resiliência. O levantamento dessas pesquisas mostra que esse é um tema com um debate preliminar. A revisão da literatura possibilitou uma aproximação com a discussão sobre resiliência na área de educação indicando que no Brasil os trabalhos sobre o tema surgem por volta do ano de 2002 e que, embora crescente ainda, é resumido o número de trabalhos sobre resiliência nesta área. Nessa revisão identificamos apenas um estudo, no âmbito da espiritualidade, que aborda a resiliência na prática pedagógica. Em geral, os trabalhos sobre resiliência estão voltados para infância, adolescência e juventude em situação de risco.

Conforme detectamos, os enfoques metodológicos das pesquisas são variados e, embora haja estudos desenvolvidos com base em história de vida, observou-se uma predominância do estudo de caso com o uso de entrevistas, observações e questionários como instrumentos de coleta de dados mais comuns. A técnica de análise de conteúdo é usada na maioria dos trabalhos para identificar o fenômeno da resiliência.

Os estudos, mesmo que se inscrevam na grande área da educação, o campo empírico dos estudos é variado. No geral são pesquisas realizadas em comunidades conflagradas, onde há evidências de população em situação de vulnerabilidade e risco. Os sujeitos participantes dos estudos são famílias, crianças e jovens vítimas de violência social. São poucos os trabalhos desenvolvidos em sala de aula enfatizando o processo de resiliência do docente. Do conjunto da produção apenas os trabalhos de Timm (2006) e Chaves (2010) sinalizaram a resiliência do professor como um processo de equilíbrio favorável ao processo de ensino aprendizagem e bem-estar profissional.

Esse breve panorama da literatura educacional sobre a resiliência na produção científica revela a emergência do conceito para o estudo de problemáticas comuns no cotidiano da educação, especialmente investigações com grupos educativos de risco ou vulneráveis. Mediante a revisão bibliográfica que empreendemos para este trabalho, estamos cientes de que se trata de um campo conceitual pouco explorado na pesquisa em educação e prática pedagógica.

METODOLOGIA

Considerando o caráter e complexidade do objeto de investigado (resiliência prática pedagógica), o estudo que deu origem a este artigo é de natureza qualitativa.

Desenvolvemos uma pesquisa ampla, com a qual procuramos: identificar os seguintes aspectos: professoras que revelam características de resiliência, no contexto da escola pública; principais características que as constituem resilientes no contexto da escola; fatores de proteção utilizados pelas professoras para o exercício da docência; práticas docentes no interior da escola e da sala de aula e resiliência, no exercício da docência.

Tendo concretizado estes objetivos e chegando a quatro docentes com perfil resiliente, ¹(P-1 ternura, P-2 Crença, P-3 Confiança e P-4 Amorsidade) no âmbito deste artigo, enfocamos suas características resilientes a partir da visão do seu grupo de convivência nas escolas públicas em que atuam.

O procedimento de coleta utilizado foi a entrevista. Richardson (2009, p. 208) afirma que "[...] a entrevista é um modo de comunicação que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas."

A entrevista assumiu papel relevante, uma vez que propiciou uma maior interação entre pesquisadora e participantes, tendo sido o recurso principal utilizado.

Entrevistamos sujeitos (profissionais, familiares, alunos e ex alunos) de três² escolas públicas, aproximadamente, 48 pessoas do convívio profissional das quatro docentes, a fim de saber se o seu grupo de convivência identificava comportamentos indicativos de resiliência, nas ações e posturas dessas professoras. Utilizamos um tópico guia para, de modo aberto e espontâneo, identificar como se davam as relações desses sujeitos com as professoras e se os comportamentos resilientes, já identificados em suas práticas nas outras etapas da pesquisa, eram convalidados pelos entrevistados.

Compuseram esse grupo sujeitos que voluntariamente aceitaram colaborar com pesquisa, entre eles estavam sete professoras, três porteiros, dois vigilantes, um agente administrativo, três merendeiras, seis ex-alunos dessas docentes, três coordenadoras, 15 alunos, seis pais de alunos e dois membros da equipe gestora das instituições pesquisadas.

Organizamos e analisamos o material verbal coletado com as entrevistas utilizando indicações da técnica de Análise de Conteúdo. Trata-se de uma técnica de organização e análise de materiais diversificados que, com base nos indicadores de frequência, permite fazer inferências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já anunciado, entrevistamos pessoas do grupo de convivência profissional das quatro professoras, tendo como finalidade identificar de que modo são percebidas no ambiente de trabalho.

Analisamos diversas declarações, de acordo com cada segmento (funcionários administrativos, professores, coordenação pedagógica e alunos), que destacaram atitudes e características dessas professoras. A seguir indicamos características resilientes de professoras a partir da visão do seu grupo de convivência nas escolas.

P1 – Ternura: características resilientes

¹ Em fases anteriores da pesquisa que deu origem a este artigo traçamos, com apoio da literatura, o perfil do que seria uma professora resiliente e com base nesse perfil, localizamos em escolas situadas em áreas conflagradas do Recife quatro professoras: P-1 Ternura, P-2 Crença, P-3 Confiança e P-4 Amorsidade. No geral estas quatro docentes: demonstravam compromisso e interesse para com a aprendizagem dos alunos; revelavam senso de humor e flexibilidade para lidar com as situações; participavam ativamente das atividades nas escolas; mantinham relacionamento amistoso com os atores da escola; tomavam iniciativas para resolver problemas e demonstravam preocupação com sua formação profissional.

² São três escolas porque duas das docentes pesquisadas atuavam em uma única escola.

Dos depoimentos dos funcionários para com a primeira professora, Ternura, resgatamos diversas características: **boas maneiras** (*Ela é muito educada/Nunca vi essa professora dá um grito num aluno, ela tem muita paciência / Ela trata todo mundo bem, dá bom dia*); **alegria** (sempre de bom humor/ é alegre), dedicação ao trabalho docente (*Sabia que essa professora cuida das crianças como se fossem filhos dela?/ responsável / é tudo organizado, as crianças sentadas e ela na maior paciência, explicando as coisas*); **solidariedade** (*ela tem palavras de conforto, de força/ ela sabe ouvir as pessoas, tem palavras certas pra dizer, dá atenção*); **fé em Deus** (*Tem muita fé em Deus e passa isso pra gente/ É uma mulher de fé em Deus, ela sabe ouvir as pessoas, tem palavras certas pra dizer*).

Os depoimentos dos funcionários confirmam a percepção relativa à professora aqui enfocada, cujas manifestações resilientes se revelam no seu modo de ser e no seu fazer docente.

Em seguida, identificamos inúmeras manifestações de resiliência de P1-Ternura, sob a ótica do segmento constituído por professores e coordenação pedagógica.

As colegas (docentes e coordenação pedagógica) declaram que P1-Ternura revela inúmeras qualidades e posturas, tais como: **tem compromisso** com a escola e com o alunado “muito comprometida / Ela faz milagre, todo menino na mão dela toma jeito”; **é muito alegre** “vive sempre de bom humor /ninguém nunca a ver de mau humor / é sempre animada e alegre”; **é solidária** “divide as coisas com a gente / É bom ouvir as experiências dela, ela passa tranquilidade”; **é criativa** “ela não fica na rotina de sempre, ela inova, inventa”; **é paciente** “Haja paciência! A paciência dela é de chamar a atenção / No jeitinho dela, calma, paciente; desconheço alguém com tanta paciência”; **tem esperança** “esperança, ela passa força pra gente / ela nunca perde a esperança, é otimista, não vê a profissão como um peso / alto astral que contagia”; **tem confiança na capacidade dos alunos** “Faz verdadeiros milagres, só pega turma difícil, aquelas que ninguém quer. Se um menino não aprender com ela, não aprende com mais ninguém”; **revela amor pelo trabalho e pelas crianças** “responsável, colabora com tudo aqui na escola / É uma gigante do amor, nunca vi professora tão amorosa, tão dedicada aos alunos quanto ela”.

As constatações das manifestações de resiliência foram asseguradas. Além disso, enfatizamos que tais características estão coadunadas com a conceituação de resiliência discutida neste texto e com a prática pedagógica da docente.

Seus alunos demonstram afeto e reconhecem seus méritos, por exemplo: **condução correta do processo educativo** “ela não briga com a gente/ e nem bota de castigo”; **formação humana** “ensina coisas de Deus pra gente ser bom”; **ação didática coerente** “ensina coisas boas, tarefas fáceis / ela me ensinou a ler”.

Constatamos que P1-Ternura exerce sua função docente com dedicação, por exemplo: acompanha, pacientemente, as atividades dos alunos, até mesmo na ocasião em que três ou quatro estão à sua volta, requerendo ajuda. Com frequência faz a seguinte afirmação: “meus filhos, se sentem. Eu vou atender cada um, na sua vez, sentados nas cadeirinhas. Esperem, por favor, tenham paciência!”

P2 – Crença: características resilientes

Utilizando a mesma sistemática de trabalho, ou seja, entrevistando pessoas do grupo de convivência profissional, obtivemos inúmeras informações relevantes sobre a forma de **pensar** e de **agir** da professora P2-Crença.

Os depoimentos dos funcionários reforçam as características de resiliência dessa professora, conforme o que expressam os depoimentos: **respeito e reconhecimento pelo trabalho desta professora** “Ela sabe respeitar todo mundo e todo mundo respeita ela”. / “Todos gostam dela e sentem admiração por ela, pelo trabalho dela.” / “Os alunos dela não vivem bagunçando no pátio, eles têm o maior respeito por ela” / Se todas as professoras fossem como ela, não tinha marginal no mundo, ela educa bem os alunos dela” / “Ela se dá respeito, é uma professora como as de antigamente, que todos respeitavam”. **Compromisso e responsabilidade** “Ela é cumpridora dos deveres dela / É uma pessoa séria, ela é cumpridora dos seus deveres. / Não vive faltando às aulas / “Chega, vai pra sala dela, só sai de lá no recreio e na hora de ir embora” / “Ela entrega as tarefas dela tudo em dia e é organizada, é dela mesmo ser organizada”. **Bom humor** “Está sempre de bom humor e faz as pessoas ficarem bem, ela já chega brincando, rindo” / “Ela só vive feliz, alegre, parece que nem tem problemas” / “Está sempre com um sorriso no rosto, não vive reclamando das coisas, é uma pessoa bem-humorada”.

Além disso, os funcionários ressaltaram outros atributos e/ou posturas, tais como: religiosidade, envolvimento com as atividades da escola e solidariedade. Revelam também o quanto a profissão docente (exercida em escola pública) é desvalorizada, pois fazem comparações com professoras de escolas particulares: “ela tem jeito de professora de escolar particular.” (Agente Administrativo 1); “[...] nem parece professora de escola pública.” (Agente Administrativo 2).

Nos depoimentos, as colegas de profissão, que convivem com P-2 Crença, citam inúmeros elementos que indicam manifestações de resiliência, tais como: **compromisso** “É comprometida / O trabalho dela é sério/ É muito boa professora e muito comprometida / Muito comprometida com o que faz/ Ela é muito comprometida com tudo aqui, na escola, é participativa, cuidadosa, ninguém tem o que reclamar dela. Ela é cumpridora de seu papel”; **crença na educação** “Só pega turma barra pesada, mas para ela não é / Ela não perde a esperança das coisas mudarem / Ela não ensina apenas os assuntos, ela forma os alunos./ Ela acredita muito na educação, tem muita esperança em dias melhores /Os alunos dela estão se desenvolvendo, mesmo sendo uma turma difícil / O interessante nela, é como ela educa as crianças, ela não ensina só conteúdos, ela ensina coisas para a vida/ Ela acredita na mudança dos alunos, ensina boas maneiras, lições de ética e amor ao próximo”; **solidariedade** “Divide as coisas com a gente / Sou novata aqui, ela me deu total apoio, uma amiga / Muito colaboradora / Participa dos projetos da escola”; **um exemplo de profissional** “Eu aprendo muito com ela / Quem quisesse aprender a ser professora, deveria passar uns dias estagiando com ela / Tenho aprendido muita coisa com ela, inclusive a cuidar do meu emocional, não sou paciente como ela é / Sabe ensinar muito bem / Ensina com o próprio exemplo / Eu admiro muito a postura dela”; **afetividade** “Amorosa com os alunos / Tem um coração enorme / É amorosa com os alunos dela / Chama seus alunos de meus amores); **criatividade** “As aulas dela são criativas, participativas/ Está sempre criando, inventando coisas para motivar os alunos”; **respeito** “Todo mundo a respeita, quando ela fala, as pessoas ouvem com respeito /

É respeitada pelos colegas, pelos alunos e pelos pais / Ela é uma professora do diálogo. Sabe se colocar e pôr ordem na sala dela, sem maltratar os alunos”; **superação de dificuldades** “Tem um jeitinho bem especial de enfrentar os problemas / Enfrenta desafios e dar conta do recado / Geralmente, só pega turmas difíceis, mas dá conta / Toda criança aprende com essa professora, a turma dela não é fácil, tem muito aluno sem saber ler, mas ela vai dar conta, no final do ano, todos passarão, sabendo ler, escrever e se comportando bem”; **alegria e serenidade** “Vive de bom humor / É uma pessoa serena / É uma pessoa pacata”.

Os alunos, ex-alunos e seus familiares assumem papéis preponderantes, uma vez que são partícipes do processo educativo e convivem com a professora em foco por um longo período de tempo. Dos seus depoimentos, destacamos vários aspectos relativos às manifestações de resiliência, tais como: **condução correta do processo educativo** “Tia é muito boa, ela é legal porque brinca com a gente, ela passa tarefas boas, ela ajuda quando a gente não sabe fazer as tarefas / Ela vive sempre alegre, ensina bem”; **formação humana** “Ela ensina a gente pra ser educado, respeitar os coleguinhas, e ensina coisas de Deus / Eu aprendi a ler e a ser gente com ela. Ela contava histórias, falava de tudo, sexo, meio ambiente, drogas, botava filme pra gente ver, criticar / Essa professora mudou a minha vida, só ela deu jeito em mim / Ensina muitas coisas a gente, não é só ler e escrever, ensina a gente virar homem, ser gente educada”; **ação didática eficaz e eficiente** “Eu aprendi a ler com ela / E ensina tudo fácil / A professora ajudava a gente quando tinha dificuldade, ela tem um jeito de ensinar diferente, todo mundo aprendia / Com ela, eles aprendem, o meu filho está aprendendo agora com ela, ele não lia nada, nada”; **afetividade** “Tia é alegre, ela gosta da gente, não bota de castigo e nem grita com a gente. Eu gosto muito dela, no meu coração/ Tia é boa! É legal! Ela é legal porque não grita com a gente / Todo mundo gostava dela, ela não gritava e nem botava ninguém pra fora da sala / Ela ensina com alegria, sabia?” Em conformidade com os fundamentos teóricos podemos afirmar: esta professora pode ser considerada como uma professora resiliente.

P3 – Confiança: características resilientes

Procuramos perceber de que modo P3- Confiança, aqui enfocada, é vista pelo seu grupo de convivência profissional, tendo como fio condutor a busca de manifestações de resiliência.

A partir dos depoimentos de três funcionários, que convivem com a professora em foco, *identificamos algumas manifestações de resiliência, tais como:* **alegria** “Ela é alegre / Ninguém vê essa professora com a cara triste. É alegre”; **respeito** “Fala com educação com os alunos dela / Respeita as pessoas”; **afetividade** “É amorosa / Ela é muito amorosa com os alunos dela”; **boa convivência** “ela se dá bem com todo mundo / Fala com a gente com atenção”; **superação de dificuldades** “Ela confia muito em Deus, ensina a gente a confiar em Deus para vencer os problemas, sabe dar bons exemplos”.

Dando prosseguimento ao, examinamos os depoimentos de duas professoras e de uma auxiliar de direção, que trabalham com a professora em destaque.

Os três depoimentos reforçam às manifestações de resiliência da professora, aqui enfocada. Destacamos os seguintes aspetos: **solidariedade** “Pesquisa as coisas e socializa com a gente / Levanta a moral da gente, sabe dá bons conselhos / Ela levanta a gente, ela tem um alto astral / Ela é sensível às dores dos outros, tem sempre uma palavra de conforto”; **criatividade** “Ela sempre gosta de

novidades"; **capacidade de participação** "Nas atividades coletivas da escola ela é a primeira a se engajar, criar, sugerir, depois puxa a gente / Tudo que acontece na escola ela está dentro e incentiva a gente / Ela é engajada nas atividades da escola, participa de tudo que acontece na escola"; **boa convivência** "Conviver com ela é sempre uma oportunidade de aprender / Pessoa do bem / fala com educação"; **afetividade** "Tem um amor todo especial pelos alunos, sem ser aquele amor pegajoso / amorosa com os alunos dela"; **alegria e felicidade** "Pense numa pessoa feliz / está sempre de bom humor e de bem com a vida" **condução correta do processo educativo** "Ela não manda ninguém da sala dela para a secretaria. Sabe resolver os problemas da sala dela no diálogo"; **ação didática eficaz e eficiente** "Ela sabe ensinar muito bem".

Ainda em busca de validar nossas constatações de resiliência da professora aqui em destaque, examinamos depoimentos de três alunos, um ex-aluno e uma mãe de aluno. Em seus depoimentos constatamos inúmeras manifestações de resiliência, tais como: **condução correta do processo educativo** "Tia não grita com a gente, nem joga no castigo / Não bota de castigo / Não sabe gritar com a gente, fala baixinho, bem baixinho / Tia nunca bota de castigo, nem grita cala a booooca! " Ela não gritava com a gente, nem botava a gente pra fora da sala, nem de castigo na secretaria, ela conversava baixinho / Fala com a gente com educação"; **afetividade** "Gosta da gente / Todo mundo gosta dela. Eu queria que ela fosse minha mãe, porque ela é legal e é calma / Tia é boa! Ela conversa e brinca com a gente / Ela gosta da gente, faz festa"; **alegria** "Alegre, ela brinca com a gente, ela canta / Tia é alegre"; **ação didática eficaz e eficiente** "Me lembro das coisas que ela me ensinou / Ensina bem! Meu menino aprendeu a ler com ela. Ele repetiu de ano duas vezes com outra professora, mas quando passou pra ela... Ele "desarnou" / É por uma boca só, todo menino melhora com essa professora".

Entre as colegas de trabalho, P3 Confiança é identificada como uma pessoa feliz, sensível e muito humana, que investe energia e tempo no exercício do magistério. Dessa forma, tem se tornado uma excelente profissional. E para os alunos e suas famílias, tem sido uma fonte de conforto e de segurança. Em face do exposto, afirmamos que esta professora manifesta inúmeras características de resiliência em seu modo de pensar e de agir.

P- 4 - Amorosidade características resilientes

Com base nos depoimentos dos funcionários e de acordo com o referencial teórico adotado, podemos afirmar que identificamos inúmeras características de resiliência em P4-Amorosidade, conforme o que segue: **respeito e reconhecimento pelo trabalho dessa professora** "Pais dos alunos dela falam bem dela / Ela é muito antiga aqui e ninguém nunca falou mal dela. Todo menino aprende com ela, é o que se diz por aqui"; **compromisso e responsabilidade** "Tudo que ela faz é bem feito / Não é faltosa, é muito responsável"; **solidariedade** "Sempre que a gente tem um problema ela tem uma palavra de conforto. É como uma irmã. Ajuda a todo mundo / O coração dela é muito bom"; **bom humor** "Ninguém vê ela com raiva / Está sempre bem feliz".

Nos depoimentos das colegas de profissão encontramos diversas manifestações de resiliência, as quais estão coadunadas com literatura, conforme o que se segue: **solidariedade** "É uma pessoa muito humana, gosta de servir, ajudar / Ela sempre socorre a gente nos problemas que enfrentamos./ É uma colega muito boa, acolhedora e paciente / Nunca nega uma ajuda a ninguém / Tem um ouvido bom,

gosta de escutar as pessoas”; **compromisso** “Comprometida com os alunos dela / Tudo que faz é caprichado / É comprometida com a escola, ninguém diz que um aluno dela é feio, que ela defende na hora.”; **exemplo de profissional** “É uma pessoa que inspira a gente / Entende muita coisa de educação, sabia? Ela só pega sala barra de gota e, no final do ano tá tudo anjinho na mão dela. É um milagre, que só ela sabe fazer, e eu ainda quero aprender / Se a senhora perguntar quem é ela, a qualquer pessoa aqui da escola e até da comunidade, só via ouvir coisas bonitas dela / É uma excelente profissional / É muito experiente. Grande colaboradora”; **afetividade** “Muito amorosa/ Ninguém diz que um aluno dela é feio, que ela defende na hora. É mãezona”; **alegria e serenidade** “Mantém a calma diante das situações difíceis, não vive de mau humor, é participativa / É Alegre! / Mansa”; **superação de dificuldades** “A vida dela não é fácil, corre de um lado, corre pro outro, mas não reclama de nada / Ela deve ser mesmo resiliente! Indicaram a pessoa certa. Ela faz a diferença aqui na escola”; **boa convivência** “Se relaciona bem com todo mundo / Se relaciona com as colegas, com os pais, com os alunos, com a direção / Muito boa de se conviver”; **respeito** “Respeita o próximo / Atenciosa com as pessoas”; **condução correta do processo educativo** “Sabe ser amorosa e sabe colocar limites nos meninos / Resolve os problemas dos alunos dela lá na sala dela mesmo, não tem essa coisa de mandar aluno toda hora pra fora da sala; ela sabe contornar as situações, dialogar e chegar a um acordo com os alunos / Tem autoridade e calma e assim resolve os problemas dos alunos dela na base do diálogo, ela não traz problemas da sala dela para a direção tomar decisões”; **ação didática eficaz e eficiente** “Tem facilidade para ensinar, sabe alfabetizar, é boa alfabetizadora / Sabe alfabetizar muito bem / Muito boa de alfabetizar, é organizada”.

Os depoimentos dos alunos, ex-alunos e seus familiares referentes à professora em análise são relevantes e, também, estão em consonância com os fundamentos teóricos. Percebemos inúmeras manifestações de resiliência, tais como: **afetividade** “Professora gosta de conversar com a gente / A gente tudinho gosta dela / Ela é legal! A professora é boa pra gente / Eu gosto dela, minha mãe também/ Quando ela vai fechar o armário dela ela dá coisinhas pra gente, borracha, lápis de cor, caneta, moeda, a professora é boa mesmo / É uma pessoa mansa, calma, trata a gente com educação / Eu gosto muito dela”; **alegria** (Ela sorri na sala / Alegre, brincava com a gente / Tá sempre rindo para os meninos); **ação didática eficaz e eficiente** (Eu aprendi ler esse ano com ela, já estou lendo tirinhas, frases / Ela ensina tudo: meio ambiente, coisas de Deus, família, planetas, contas, muitas coisas / A gente faz muitas pesquisas / As tarefas ela ensina / / Eu aprendi a ler com ela / Sabe ensinar bem. Pergunte a qualquer pai desses alunos, que só vão dizer coisas boas dela”; **condução correta do processo educativo** “Ela não grita, não é ignorante com a gente, quando a gente faz uma coisa errada ela diz: vem cá, meu filho, aí a gente vai na mesa dela, aí ela conversa baixinho, nem bota de castigo e nem bota pra fora da sala / Ela não gosta que a gente chame de tia, é só professora / Ela diz que é errado chamar professora de tia, porque tia é a irmã da mãe da gente / Não gritava e nem botava a gente de castigo / Sempre que ela me chama eu venho, a gente conversa, ela nunca bota as crianças pra baixo”; **sensibilidade e percepção do outro** “Eu chupava dedo na sala e dormia, ela vinha e me acordava, perguntava se eu tinha apanhado de minha madrasta/ Ela até pede pra gente não dar uns corinhos neles / Quando eu estava triste ela dava cheiro na minha cabeça, conversava comigo”.

A análise dos posicionamentos contidos neste item confirma, mais uma vez, que esta professora, cujo *princípio de ação* direciona seu modo de pensar e agir para a formação humana de seus alunos, pode ser considerada como uma profissional resiliente.

Com base nos resultados das entrevistas com o grupo de convivência das quatro docentes, afirmamos que: existem professoras resilientes nas escolas públicas; elas são profissionais comprometidas, responsáveis e satisfeitas com a profissão escolhida; valorizam os processos formativos; possuem uma imagem positiva de si; são alegres, bem humoradas e estabelecem relações interpessoais amistosas e construtivas com os demais atores do espaço escolar.

Os resultados referendam nossas interpretações e análises de todo percurso investigativo e, sobretudo, nos permitem afirmar: as manifestações de resiliência, aqui identificadas, funcionam como um suporte ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que trazem a esperança de uma educação mais humanizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Detectamos, como principais indícios de resiliência, a persistência, luta e capacidade de superação; fé (em Deus, na capacidade dos alunos e na possibilidade de mudança); bom humor/alegria; boa convivência no ambiente de trabalho; amor pelo trabalho e pelas crianças; criatividade; responsabilidade e compromisso com a educação e esperança. Os entrevistados confirmam que as professoras não se abatem com facilidade diante das adversidades encontradas, pois encontram estratégias para vencê-las.

Conforme depoimentos de pessoas do seu grupo de convivência nas escolas, as docentes sempre utilizavam estratégias diversificadas para ajudar os estudantes a superarem os limites e, com frequência, reafirmavam a crença em suas capacidades. Reforçavam que quem aprende a persistir é capaz de vencer os desafios, lidar de forma construtiva com as falhas e atingir os objetivos. Reiteram que ser persistente é algo que contribui para sua segurança e capacidade de transformar seu próprio ambiente cultural.

Essas professoras conseguem manter o bom humor em todas as situações, inclusive nas mais adversas, favorece seu envolvimento e clima solidário entre pares, funcionários da escola e estudantes. Notadamente no âmbito da sala de aula, as docentes revelam habilidades relacionadas ao cuidado com as dimensões cognitiva, emocional e social dos alunos, manifestadas no envolvimento, dedicação e preocupação para com cada um deles.

Constatamos que as quatro profissionais avaliadas pelo seu grupo de convivência nas escolas, exercem a docência em turmas consideradas de difícil trato e, mesmo com esses grupos, logram êxito e são reconhecidas nas escolas pelos pares, equipe gestora e demais funcionários. O compromisso e a responsabilidade com a docência e, sobretudo, com a aprendizagem dos alunos foram ressaltados por elas próprias e pelos sujeitos do seu grupo de convivência como características muito peculiares a cada uma.

Tendo em vista os resultados aqui expostos, podemos afirmar que, em meio a um contexto de transformações e exigências, as quais geram, no professor, sentimentos como insegurança, medo, ansiedade e estresse no desenvolvimento da prática pedagógica, identificamos professoras com características resilientes na escola pública. Essas profissionais têm conseguido se manter íntegras e superar as adversidades que enfrentam na escola e sala de aula. Elas demonstram superar limites, enfrentar desafios, romper preconceitos e sobressair-se aos infortúnios. Esses traços expressam resiliência no exercício de sua prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **Resiliência**: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. 4. Ed. Fascículo 13. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BARLACH, L. **O que é resiliência humana?** Uma contribuição para a construção do conceito. 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BARRETO, M. A. **Estresse e resiliência**: os desafios do professor universitário. 2007. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Educação Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.
- BEZERRA, G. de M. **Educar para a vida**: uma pedagogia da resiliência na escola. 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal 2005.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRANDÃO, J. M. et. al. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paidéia**, v. 21, n. 49, p. 263-271, maio/ago. 2011.
- CARMELLO, E. **Resiliência**: a transformação como ferramenta para construir empresas de valor. São Paulo: Editora Gente, 2008.
- CARVALHO, A. M. **Mudanças na prática docente face à implementação do laboratório de Informática**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Centro de Educação da Universidade Evangélica Sinodal de Angola, Angola, 2005.
- CODO, W. Trabalho e afetividade. In: **Educação**: carinho e trabalho. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- CODO, W. Um diagnóstico do trabalho (Em busca do prazer). In: TAMOYO, A. CODO, W & BORGES, J. E. (Orgs.) **Trabalho, organizações e cultura**. São Paulo: Edição Cooperativa de Autores Associados, 1997.
- CYRULNIK, B. **Os patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CYRULNIK, B. **Resiliência**: essa inaudita capacidade de construção humana. Lisboa: Instituto Piaget. 2001.
- CYRULNIK, B. **Uma infelicidade maravilhosa**: vencer os fracassos da infância: Âmbar Editores 2003.
- FAJARDO, I. N.; MINAYO, C. S.; MOREIRA, C. O. F. Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 18, n. 69, p. 761-773, outubro-diciembre, 2010.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. rev. ampl. Campinas: Verus Editora, 2005. nº 78. Nov. 2007. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/078/78lima>. Acesso em: 5 jan. 2022.

GOMES, V. **Três formas de ser resiliente:(des)velando Resiliência no espaço escolar**. 2004 (Dissertação Mestrado). Centro de Educação Universidade Federal do Espírito Santo, 2004.

GROTEBERG, E. H. Introdução: novas tendências em resiliência. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HOCH, Luthar Carlos. **Sofrimento, resiliência e fé na Bíblia**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.

JOB, F. P. P. **Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações**. 2003. Tese (Doutorado) - FGV/EAESP, São Paulo, 2003.

LARROSA(a), S. M. R. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, Luthar Carlos; LARROSA Susana M. Rocca. **Sofrimento, resiliência e fé**: implicações para as relações do cuidado. Sinodal/EST, São Leopoldo: 2011.

MACHADO, M. das G. Q. **O brincar no contexto do adoecimento**: um recurso de aprendizagem para o fortalecimento da criança frente à doença e frente à vida. 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

MACIEL, M. L. M. **O processo de saúde e adoecimento dos docentes da Rede Municipal de Ensino do Recife**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, Recife, 2007.

MELILLO, A. Resiliência e educação. In: MELILLO, A.; OJEDA, A. N. S. **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

NIEMEYER, F. **Cultura e agricultura**: resiliência e transformação do sistema agrícola krahô, 2011 Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Campinas, Campinas, 2011.

OJEDA, E. N. S. Introducion. In: A. Melillo E. N. Ojeda& D. Rodrigues Compiladores. **Resiliência y subjetividade**: los ciclos de la vida. Buenos Aires: Paidós, 2005.

RODRIGUES, R.T. S. **Resiliência e Características de Personalidade de médicos residentes como proteção para o Burnout e Qualidade de vida**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, São Paulo, 2012.

RUEGG, F. Valorizar as potencialidades da criança. A resiliência, conceitos e perspectivas. **Cadernos de Educação e Infância**, 1997.

RUTTER, M. Comorbidity in child psychopathology: concepts, issues, and research strategies. **J Child Psychol Psychiatry**, v. 32, n. 7, p. 1063-80, nov. 2001.

RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 57, n. 3, p. 316-331, 1987.

RUTTER, M. Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. **British Journal of Psychiatry**, v. 147, n. 6, p. 598-611, 1985.

SILVA JR., J. F. **Resistência dos Materiais**. 5. ed. Belo Horizonte: Edições Engenharia e Arquitetura, 1982.

TAVARES, J. **Resiliência e educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TIMM, E. Z. **O bem-estar na docência:** dimensionando o cuidado de si. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

TIMOSHEIBO, S. P. **History of strength of materials.** Stanford: Stanford University Press, 1983.

YUNES, M. A.; MIRANDA, A. T.; CUELLO, S. S. Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. *In:* KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano:** pesquisa e intervenções no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 197-218.

